

MONARCHIA—DEMOCRACIA.

Felix quem faciunt aliena pericula cautum.

CANTUM,

Justimano José da Rocha
Vide "Dicionário de Sinonimos" de
Barva - pag 188
n.º 403



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64.

—
1860.

MONARCHIA—DEMOCRACIA.



I.

Entre os velhos Romanos um costume havia que encerrava immensa lição; quando, com todas as pompas do triumpho, entrava na cidade eterna algum desses Paulos Emílios que levaram a todo orbe conhecido as suas armas vencedoras, era admittido que, no meio das acclamações populares, vozes descompassadas da malevolencia e da calunnia chegassem impunes ao ouvido do triumphador, e lhe quebrassem o orgulho, com que as felicitações podiam entumescê-lo.

Embora não com o mesmo apparato, esse costume se tem perpetuado, e hoje mais do que nunca, governo ou cidadão, homem ou povo, fidalgo ou plebeu, todos podem saber que qualquer acto que practiquem, por mais puro e desinteressado que seja em sua inspiração, por mais benéfico que seja em seus resultados, por mais applaudido que seja ou deva ser, irritará por certo a maledicencia, despertará a calunnia, que vozeem sinistras interpretações, e travem de amargura a laça de gratidão.

Como já em annos anteriores tinha ido visitar as provincias do sul, e por toda parte recebido com as ovações da publica affeição, havia em toda parte deixado signaes de sua passagem, na recordação da sua affabilidade, da sua munificencia, do seu zelo animador de todos os progressos, de todas as instituições uteis, assim em fins do anno passado havia o Imperador resolvido visitar as pro-

vincias do norte, para directa e pessoalmente conhecê-las, e ser directa e pessoalmente conhecido dos Brasileiros nellas residentes, para que melhor se inteirasse do que são, do que podem ser essas provincias, e enfim suscitasse o zelo das suas populações, e lhes mostrasse o caminho de fundações uteis ou pias, a que se associassem seu nome e a memoria da sua presença.

Para essa digressão a oportunidade era optimamente escolhida: a pacificação parecia estar em todos os espiritos, e a náu do Estado, se navegava lenta, parecia navegar segura, por mares calmos que não occultavam arrecifes, em horizontes serenos, em que nem-uma nuvem negra annunciava tempestades.

A ausencia pois do Chefe do Estado, ainda quando entorpecesse as molas da governança, não compromettia o movimento protector da machina; só era incommoda ao monarcha, e a sua esposa que devia acompanhá-lo. Era porém util, assim se devia esperar, ás provincias que recebessem a sua visita: e no seu grande amor pelos Brasileiros, o Imperador não fazia entrar em linha de conta os incommodos pessoaes, quando se tractava de satisfazer a anhelos tão justos de uma parte de seus subditos.

A viagem effectuou-se. O Imperador não quiz por certo que fosse ella uma ostentosa demonstração de pompas sumptuosas; para isso annunciou-a com tão pouca antecedencia, que não dêsse tempo a grandes preparativos; para isso foi publicada pelas mil vozes das nossas gazettas uma declaração official, e um convite á população; que applicasse a destino perduravel, em alguma grande obra de melhoramento ou de beneficencia, o que por ventura pretendesse despende no acolhimento que fizesse ao monarcha; para isso adrede foi escolhida a comitiva imperial.

S. M. a não quiz numerosa, nem composta dos mais opulentos dos que rodeam o seu throno, dos que podiam manter esplendido fausto: nem-um general, nem-um aju-

dante de campo, ninguém que dicesse:—ahi o chefe da força militar brasileira!—nem um dos officiaes-móres da casa imperial, que dicesse:—ahi esse que a nação circumda de toda a magestade.—Ia com o seu título de imperador, com o seu amor ao estudo, ás letras, ás sciencias, com o seu grande coração que só palpita benevolencia:—era essa a sua pompa, a sua magestade.—Acomponhavam-o um Sapucahy em quem os litteratos do Brazil revêm um dos seus mais benevolos e mais dignos caracteres; um Pedreira, de recente distincção como activo administrador; como ministro um Almeida Pereira, homem novo, joven cheio de merecimento pessoal, conquistando as afeições pela affabilidade de seu tracto, mas não se impondo ás vaidades humanas pelo prestigio de um nome feito.

As intenções imperiaes, assim manifestadas, foram applaudidas de todos; mas a afeição dos povos entendeu não dever corresponder-lhes, julgou que, embora pelo Imperador dispensados, não podiam dispensar-se elles proprios de demonstrações em que se expandissem os seus sentimentos.... Quem os censurará? quem terá direito de fazel-o? Desde quando o cidadão brasileiro, para usar do que é seu, deve repellir as proprias inspirações, e ir sollicitar antecipado beneplacito da malevolencia detractora? Desde quando ao homem que festeja a presença de um amigo, a visita de um companheiro, e que é por isso felicitado, se ha de censurar, porque festeja uma visita mais augusta, uma presença infinitamente mais honrosa, com demonstrações proporcionalmente maiores?

Ponde a mais democratica das republicas, o mais spartano dos Estados; ponde o mais calculista dos povos, o que mais frio estabelece a conta do *deve* e do *haver* na espontanea expansão do seu jubilo, e tereis os mesmos sentimentos inspirando o mesmo proceder em circumstancias analogas.

A população das provincias visitadas correspondeu

á affeição imperial ; mostrou-se o que é realmente : profundamente brasileira.

E agora que a viagem está concluída, eis ergue a voz o espirito de malevolencia, e procura tirar della occasião e pretexto para propagar erros politicos do mais funesto alcance, calumniar o pensamento da viagem, acompanhar com a diffamação todos os actos imperiaes ; para semear enfim provocações e odiosidades, germens de subversão e de ruinas, onde o sentimento intimo do povo, o mais espontaneo enthusiasmo semeava flôres, e para vozear, por entre as aclamações do mais bello triumpho, as sinistras insinuações da perfidia !

Assim devia ser : como ha paúes que só produzem horridas plantas, cheias de veneno, e onde só de continuo sibilam serpes peçonhentas, assim ha espiritos de deploravel fecundidade, em que sómente sibilam paixões odientas. Esses, que se conhecem, e ufãos se proclamam da *raça de Caim* o fratrecida, não podem senão deixar que transborde o fel que internamente os corrôe.

Assim devia ser.

II.

A imprensa da Bahia acaba de publicar um folheto que tem o titulo—Os Cortezãos e a viagem do Imperador. — Mal de posse desse pamphleto, trouxe-o pressuroso o *Diario do Rio de Janeiro* ao conhecimento dos seus leitores : parece porém que, desejando colher os fructos da semente que assim espalhava, arreceiava-se della ; pois buscou arredar de si a responsabilidade, tomando assim, quanto lhe era possivel, a licção de prudencia dada pelo author, que se conservou anonymo.

Se porém comprehendemos esse anonymo, ou porque a modestia do author fugisse ás demonstrações do publico agradecimento, ou porque entendesse elle que a voz inno-

minada, e sem responsabilidade moral, ganha de algum modo a mysteriosa importancia do oraculo, — não comprehendemos como a folha que passou para as suas columnas as extensas declamações desse pamphleto, espera dissociar a sua causa da delle, e pretende eximir-se da responsabilidade moral que assume.

Se achaes erroneas, e portanto perigosas, as ideias contidas no folheto; se achaes que o espirito do leitor, atorreado pelo chocalhar de tanta palavra sonora e ôca, pôde perder-se em fataes consequencias, — porque não deixastes na obscura e incompleta publicidade da imprensa de provincia essa obra que dizeis erronea, e prestando-se a fataes consequencias? Porque a trazeis para a grande publicidade de uma folha diaria fluminense?

E se achaes que ha nelle verdades arrojadas, cuja divulgação pôde ser util, cujos fructos, sazoados pela meditação, podem ser de proveito á patria; porque, fazendo a obra meritoria de dar-lhe toda a publicidade que vos era possivel, vos precaveis astucioso contra essa responsabilidade? Onde a franqueza, primeiro caracteristico da convicção, primeira condição do apostolo do bem publico?...

Graças a vós lemos esse opusculo... E confrangiui-se-nos o coração.

Não somos cortezãos, nós que escrevemos estas paginas; filhos da democracia, a ella adherentes por todos os titulos brasileiros, não temos uma só das recommendações aristocraticas ou cortezanescas de que falaes; o *favor* nunca nos *agarrou pelas orelhas*, e nos fez o que não podiamos ser por deficiencia de titulos e de merecimentos. Somos, e temos sido... nada.

E tambem... a maxima parte dos dias que Deus sem duvida marcou-nos, que passassemos neste valle de expiação, estão já corridos: a velhice de nós se approxima rapida; as forças se nos alquebram... a velhice do homem

de estudo, do lidador indefesso nas lutas da vida e da adversidade, é o descanso emfim na morte.

E pois, se o egoismo nos dominasse, de todo indifferente deveria ser-nos a vossa publicação; pragueijaes da côrte, e não somos cortezão, e com a côrte não temos a menor affinidade. Lançaes no terreno fecundo das paixões e dos preconceitos germens de lutas e de subversões fataes, que o futuro se encarregará de desenvolver; e para nós o futuro não é já essa ilha encantada que os sonhos da imaginação douram a todo o vivente para distrahir-o das amarguras do presente; o futuro é um amanhã mui proximo...

E entretanto a vossa publicação causou-nos a dôr mais intensa que nestes dias de miseria temos soffrido.

Sim, que temos uma patria, e a amamos com todo o amor, com toda a devoção que o filho tributa a sua mãe, e a queremos legar a nossos filhos; e nossa individualidade absorvendo-se em todas as gerações brazileiras que se têm de succeder, sonha glórias, prosperidades, grandezas, e com esses sonhos se embala... E vós destruis esses sonhos!

Se o espirito vê nos proximos horizontes da patria, e já na sua actualidade privações e soffrimentos no interior, privações e soffrimentos que a sabedoria humana só poderia de chofre terminar, se lhe fosse dado o dom dos milagres, mas que a imprudencia póde cada vez mais aggravar; se no exterior só vê o desconceito, sempre inherente á fraqueza, que lhe dá posição tão infima no catalogo das nações, se o patriotismo, assim ferido, se lamenta, sorri-se-lhe consolador o futuro; pois como fiança do futuro temos:

1.º Um vastissimo territorio, providencialmente dotado de todos os germens de riqueza.

2.º A monarchia, ao lado da democracia, com ella combinada, consorciada, de modo que só a commum destruição possa desaggregal-as da intima connexão em que se confundem.

Ora, uma nação senhora de um vasto territorio, caminhando protegida pelos dous principios de que dimana toda a prosperidade... dae-lhe tempo... e não poderá deixar de ser grande.

E vós attacaes essas garantias unicas do futuro ; attacaes a grandeza territorial da patria, pondo por diante uma dessas palavras inexplicadas, que se traduzem sempre pela ameaça da separação, suscitando odiosas rivalidades de provincias, sacudindo o archote da discordia do sul ao norte, onde nos dizeis que vivem *animos vigorosos que não perderam nas mollezas das côrtes essa energia e independencia*, QUASI SELVAGENS, *que são o mais nobre elogio de um povo.*

Attacaes a monarchia, inventando uma chimera de côrte com pretensões absurdas, e contra a qual escreveis as phrases mais virulentas, as mais phreneticas explosões de odio, que necessariamente do ente imaginario contra quem as dirigis, vão reflectir no ente real que o leitor necessariamente verá, e que vós, não com muito rebuço, lhe apontaes. Attacaes a monarchia emprestando-lhe perversas intenções que vos occorrem á mente ; delirando uma politica *austriaca* subterfugiosa, de que a dizeis sectaria; deprimindo-a nos seus mais puros sentimentos, até mesmo nessa munificencia a que o payz inteiro applaude, e que tantos abençoam.

Attacaes enfim a democracia, de que vos apresentaes apostolos: sim; ha mães que affagam os filhinhos com tanta ternura que os esmagam; outras lambem-os com tão insistente carinho que os devoram: se nos dicerdes que isto acontece unicamente entre os irracionais, lembrar-vos-emos que, ainda mesmo entre os racionais, ha mães que perdem de amores os filhinhos, inspirando-lhes o mais louco orgulho, afagando-lhes as mais estolidas pretensões, acostumando-os á mais insoffrida impaciencia... A democracia corre os mesmos riscos : alguns se ostentam seus amantes apaixonados, e excitam-lhe aspirações fataes que

a cômprimettem, ás vezes compromettendo-se com ella (o misero Carnillo Demoulin morreu na guilhotina) o mais das vezes, salvando sua fortuna, por meio della adquirida (aqui não citamos nomes; sobram elles a ponto de afadigar a penna que os quizesse escrever).

E quando assim abalaes as unicas, embora poderosissimas, garantias do futuro, como não se ha de o coração brasileiro confrangir de angustia, receiar que, ouvida a voz da provocação, se reproduzam esses dias luctuosos, em que a nação brasileira parecia prestes a extinguir-se nas convulsões da anarchia?

III.

E não estão longe de nós esses dias.

As nossas instituições eram as mesmas, quaes as conceberam os nossos paes, ou antes, quaes lhes foram inspiradas pelo mais nobre patriotismo substituindo a sabedoria e a experiencia politica que lhes faltava: as nossas instituições eram as mesmas que affiançam o eterno consorcio da democracia e da monarchia, dando a cada uma dellas seu quinhão legitimo de influencia, seus meios necessarios de acção para trazerem a prosperidade publica: a nação era a mesma.... e entretanto o furacão das paixões soprou, e as instituições vascillaram; a nação inebriando-se descreu dellas; vasta conflagração se ateou... Então as mais loucas esperanças foram concebidas, as mais cegas aspirações fomentadas; então uma palavra mentirosa, a federação, proxima reminiscencia da estolida *confederação do Equador*, essa palavra mentirosa, irmã gêmea de outra que hoje apresentaes, ameaçou a unidade do imperio.

Que de sangue então correu nas nossas lutas fratrecidas! Que de cabedacs se consumiram no mais improduc-

tivo, no mais horrivel dos empregos ! Que de esforços se perderam !

A capital, as provincias, até o Pará, até o Matto-Grosso, as mais remotas como as mais proximas, viram a malança de Brasileiros... Enlão, olhando para todos os pontos do horizonte, o patriotismo mais confiado na Providencia, mais certo dos futuros da patria, não vendo senão tempestades, desfeixadas, e nuvens preparando novas tempestades, já se horrorisava com a lembrança das convulsões interminaveis das ex-colonias hespanholas, já pranteava a sorte do Mexico, que nos estava reservada.

Melhor fez Deus...

A prudencia nacional despertou : esforços heroicos, dedicações de toda hora, de todo minuto appareceram : A Providencia inspirou a sabedoria dos homens : a indole do povo brasileiro reassumiu os seus fóros.. Os dias de perigos foram transpostos, e uma sancta energia, curando as chagas do passado, procurou recuperar com a mais nobre actividade o tempo, o esforço, o cabedal tão fatalmente perdidos.

E como desse Brazil que, unanime, enthusiasta, cheio de confiança em si, certo de chegar a todas as prosperidades da civilisação, a todas as grandezas do seu destino, assistiu aos dias admiraveis de 1821 e de 1822, aos dias da independencia ; como desse Brazil se fez o Brazil discordo, esmorecido, ebrio acompanhando os que nos horrores da guerra civil, ou por cegueira do orgulho, ou por depravada ambição, o submergiam ; o Brazil enfim de 1831 ?

Ah ! erros e imprudencias reciprocas entre a monarchia e a democracia fomentaram a mais sinistra desconfiança ; a credulidade de um e de outro lado accceitou as mais perversas insinuações : a voz do bom-senso a ninguem se fez ouvir. Diceram á monarchia que o povo queria a republica, e a monarchia desconfiou do povo ; diceram á democracia que o Imperador queria o absolutismo, que só tinha fa-

vores para o estrangeiro, que meditava a recolonisação, e o povo desconfiou do Imperador. Então tudo teve absurdas interpretações, e todo o mal foi acreditado: e as complicações dos negocios portuguezes, e os incitamentos da revolução triumphante em França completaram a transformação!

Caro nos custou essa cegueira... mas já que tão caro pagamos a terrivel lição da adversidade ao menos seja ella proficua... Ai! de quem procurar dissociar a democracia da monarchia! Cáiam sobre sua cabeça todas as desgraças, todas as maldicções do futuro!

Grandes intenções providenciaes de certo presidem aos destinos do Brazil. Unica monarchia na America, onde tudo é republica e quasi tudo anarchia, extendendo-se por vastissimas regiões, cortadas dos mais bellos rios do mundo, fecundadas por um sem-numero de Nilos tão admiraveis como esse a que deve o Egypto a sua gloria; coberto de uma vasta rede de estradas fluviaes, que a sciencia e o trabalho hão de algum dia aproveitar, é elle povoado por essa raça latina que tão grandes cousas fez no mundo, por essa raça que, guiada pela cruz do Redemptor, depois de se ter aberto caminho pela espada dos generaes e pela politica do senado de Roma, levou a todo o orbe antigo o duplo beneficio da civilisação humana, e da civilisação divina. Essa raça que conserva, a par do deposito sancto da fé, o deposito das ideias philosophicas mais sãs e mais puras; essa raça, para quem a fraternidade humana é uma convicção profunda, para quem a charidade é um instincto insuperavel, em quem a dedicação á patria, o amor ao chão em que nasce, a resignação ás privações, ao sacrificio do trabalho assiduo do campo, são como innatos; essa raça, ameaçada pelas invasões da civilisação moderna, que, sob mentirosa pompa, encobrendo decepeções e amarguras, substitue ao homem moral o homem physico, e faz da sciencia, não o alimento puro do seu espirito, porém a escrava submissa dos seus prazeres; essa raça

emfim é destinada sem duvida a ter na nossa bella patria seu grande asylo, seu quartel-general extremo nos dias de futuros combates, que já se podem descortinar.

Em virtude dessas intenções providenciaes, o Brazil leve a fortuna de ver presidir ao seu nascimento como nação a monarchia: é ella coéva da independencia; é ella anterior á independencia. No dia em que a raça portugueza tomou conta destes vastos territorios, em que vegetavam hordas barbaras de inconstante residencia, destituídas das mais simples e rudimentares ideias de civilisação, nesse dia a monarchia se achou implantada na terra da Vera-Cruz.

A cruz da redempção, a corôa da realza foram os dous primeiros signaes, que diceram que a civilisação tomava posse dessas solidões, e ia nellas fundar uma grande nação.

Nossos avós, em todas as successivas gerações brasileiras, viram a monarchia; a sua successão nunca interrupta prendeu-se pois a todas as tradições de seu viver, a todos os habitos do seu espirito, enraizou-se em todas as suas ideias.

Grande calamidade houvera sido, se no dia em que o desenvolvimento da colonia a chamou a transformar-se em nação independente, a quebrar os vinculos que a prendiam á metropoli, olhasse ella em torno de si, e ninguém visse a quem entregasse o mando supremo, a quem revestisse do caracter indelevel da magestade nacional.

Tel-o-ia per ventura improvisado, escolhendo, de entre os eminentes patriotas que tomavam a peito a grande obra da independencia, algum que mais notavel lhe parecesse? Teria creado um presidente de republica, não teria creado um monarcha.

Um monarcha não se improvisa... Ouvi Napoleão, Napoleão o maior genio que honrou a humanidade, e o que veio mais opportuno, quando tudo invocava o seu apparecimento, quando tudo parecia exigir a sua acção reparadora; Napoleão refulgente do esplendor de cem victorias,

e firme na adoração de um milhão de soldados; Napoleão o homem mais dotado dessas qualidades *dramaticas* que captivam as massas, que se impoem á sua veneração por um character especial de grandioso, de heroico, de sublime, Napoleão que até nisso se mostrava da familia de Julio Cesar e de Alexandre; pois bem, Napoleão acclamado imperador, sagrado pelas mãos de um papa, vendo na sua côrte reunidos todos os reis de Europa, sollicitando um sorriso de sua benevolencia, e a quem submisso, tudo dizia— Vossa Magestade—, Napoleão sentia que não era senão o ephemero presidente de uma republica, e dizia na amargura do seu coração;— *Ah! que não sou eu meu neto!*

Sim, que, por mais que Voltaire tenha dicto:

Le premier qui fut roi fut un soldat heureux;

por mais que uma escola de publicistas vá, de accordo com elle, buscar a origem da realza na primazia da força vencedora... exaggerae quanto quizerdes a gloria militar de um homem, fazei-o mais que Alexandre em Arbellas, mais do que Annibal em Cannas, mais do que Cesar em Pharsalia, mais do que Napoleão em Austerlitz; dae-lhe, ao par dessa immensa corôa de victorias, todo o merecimento do mais habil politico, toda a devoção do mais profundo patriota, podereis fazer do ente que houverdes creado um presidente de republica; um rei não; pois um rei é a obra dos seculos, é a criação das tradições, é a herança das gerações. Washington foi um presidente de republica; rei não— e ainda quando para rei o tivessem querido, como tal o houvesse acclamado a mais unanime gratidão, rei não teria sido, e tanto que, nos ultimos dias da sua presidencia, Washington, sem embargo de ser Washington, já sentia, cançado o povo de obedecer-lhe, ir esquecendo os seus serviços, e dar-lhe signal da retirada, que fosse morrer na condição de simples particular.

Pois, se nos dias gloriosos da independencia, nossos

paes livessem tido o infortunio de serem obrigados a improvisar um presidente, o que teria sido da patria? Quem teriam elles podido escolher que não achasse logo ao pé de si uma ambição rival, servida por alguns partidarios? E na vasta extensão do Brazil, que grande cidadão do Rio de Janeiro teria obtido assentimento e obediencia, na Bahia, em Pernambuco, em todos os pontos do imperio?... Se a guerra civil não houvesse surgido logo no dia da primeira eleição, no centro mesmo da capital, teria rompido infallivelmente nas provincias, em alguma, em todas; e na independencia teria inevitavelmente naufragado a unidade nacional.

Não nos accusem de phantasiar, quando escrevemos com os olhos fitos no passado.— Ides, sem duvida, falar-nos das republicas de lingua hespanhola, e mostrar-nos o exemplo de suas convulsões, dir-nos-á alguém: pois não admittimos o exemplo; que entre nós não se dá o elemento que mais tem damnado essas republicas; aqui não temos espirito militar, nem ambições ávidas de prezas e despojos.— Descançae; não vos iamos falar dessas miseras republicas, das quaes apenas uma, de todas a mais pequena, tem conseguido constituir-se: attendei porém que não seria a carencia de espirito militar que nos daria segurança contra esses desastres; pois o espirito militar se improvisaria, desde que á ambição do mando fosse dado livre campo em que apparecesse. Não; queremos falar de cousas de nossa terra.

A minoridade durou cerca de nove annos: durante a minoridade tivemos regencias... vêde quantas consumimos! 1.º, a regencia provisoria, eleita pelos deputados e senadores que, estando no Rio de Janeiro em abril de 1831, se reuniram, e usurparam, authorisados pela força da necessidade, o direito de encher a lacuna do governo deixada pela abdicação. Pouco durou essa regencia; logo que as camaras estiveram regularmente organisadas, elegeram a regencia permanente, e cumpre notar que dos

regentes provisórios, só um, o representante do exercito, o general Francisco de Lima e Silva; foi continuado nessa regencia.

Tivemos pois 2.º a regencia permanente. Devia ser permanente, isto é, prolongar-se todo o tempo da minoridade. Pois bem; na reforma da constituição foi decretado que a regencia só durasse quatro annos, e fosse de um unico membro, em vez de ser de trez. Mas quereis vêr o que era então a regencia? Um governo de facto!.. Dos seus membros um havia-se retirado da capital, descontente dos collegas; e a sua falta não fôra substituida: a regencia funcionou com dous membros. Logo desses dous a morte levou um, e não houve coragem de dar-lhe successor; a regencia trina continuou resumida em um só membro!

Esse porém teve de ceder ao primeiro regente do acto addicional; lemos pois 3.ª regencia: devia durar quatro annos; já no segundo anno uma opposição tão forte contra elle se havia suscitado, que, pertinaz em resistir-lhe, teve de ceder-lhe o posto.

Tivemos então 4.º a regencia do Snr. Pedro de Araujo Lima: devia durar quatro annos; apenas, como a do Sr. Diogo Antonio Feijó, durou dous annos...

E eram regencias, cujos poderes estavam limitadissimos, que, sahidas do seio do parlamento e do corpo eleitoral, estavam debaixo de constante tutella da opinião; e havia já no payz uma concentração de desejos, de esforços de nobres e intelligentes patriotismos, para comprimir a anarchia: substitui agora a esse incompleto ensaiosito de republica uma presidencia republicana, creada nos dias da independencia, e dizci-nos se no fim de 1823 o Brazil teria sido mais alguma cousa do que um nome de geographia antiga?..

Assim não approuve á Providencia.

A nação brasileira, que queria a independencia, viu á sua frente, guiando-a nessa grande obra, concentrando

em torno della todas as aspirações, quebrando todas as resistencias, baldando todas as más vontades, o principe que tradicionalmente devia continuar a monarchia: e a nação acompanhou-o nessa obra de patriotismo, que assim regularisou-se, e despiu-se dos perigos inherentes ás revoluções, e dos perigos não menos fataes das usurpações!..

Se nada mais houvesse em nossa historia, para provar-nos a intervenção providencial nos nossos destinos, bastariam essas circumstancias da independencia, para que nos accurvassemos agradecidos ante a Divindade protectora.

E agora vindes suscitar questões acerca de base fundamental da monarchia no mundo, e especialmente na nossa bella patria? Vindes com os principios abstractos de um direito publico, que os factos por toda parte de continuo desmentem, lançar o odioso do sarcasmo sobre a monarchia que se acclama legitima, hereditaria, tradicional, filha da divindade!

Oh! quão errados andaes por esse caminho: vêde ao que nos levaeis com essas discussões! abri as paginas da historia, mostrae-nos nellas o povo que pôde ser feliz no dia em que se lhe abalou a monarchia.

Abri as paginas da historia, e vêde todas as origens dos povos e das nações; no berço de todas ellas achareis a monarchia... Não vos falamos da Asia, já que mostraes aversão e desprezo ao que é asiatico, sem reparar que na Asia teve a humanidade seu berço, na Asia nasceu tudo quanto é da civilisação humana; mas vá: a Asia é essencialmente servil, dizeis, deixemol-a pois; vamos á Grecia, sim, á Grecia, patria da liberdade e das suas gloriosas agitações. Nem-uma dessas republiquetas municipaes, que só lançaram brilho na grande luta contra a Persia, nem-uma dessas republiquetas nasceu senão debaixo da direcção da monarchia. Uma liga dos diversos monarchas leva os Gregos a Cholchide, determina a via-

gem dos Argonautas; uma liga dos diversos monarchas vae sustentar na Troade a segurança da Hellade, castigando a pirataria de Paris... Depois, successivamente, no meio de desastres, a Grecia deixa os reis, as suas cidades tomam a fórma de republicas, para se dilacerarem em lutas infindas, que a deixam prostrada, até que a monarchia macedonica sobre todas essas republiquetas extenda a sua protecção e o seu dominio.

Deixemos a Grecia, vamos a qualquer outro ponto da Europa: monarchias, monarchias por toda parte; embora cada tribu seja um povo, cada tribu tem um rei; é simplesmente o chefe na guerra; mas na guerra se passa a vida de todas essas tribus, em quanto Roma as não vem pacificar com o seu dominio.

Mas, dir-nos-eis, Roma não era uma monarchia: de certo, Roma era uma aristocracia, sempre em luta entre patricios e plebeus, nesse drama terrível que se prolongou até os dias em que Cesar, chefe do exercito vencedor, e representante da ideia democratica, abre caminho aos atrozes vingadores do povo, aos Caligulas, aos Nerós, a esses assassinos e depredadores implacaveis da aristocracia, cujos crimes, cujas loucuras horrorisam a humanidade.

Mas essa mesma Roma, antes que Bruto e Collatino entregassem o poder supremo ao senado, nascera, fôra creada, fôra engrandescida pela realza.

Ide por diante; lêde, lêde: por toda a parte não vereis senão monarchias. Algumas vezes, em dias de demencia, os povos rompem com ella: a Inglaterra no XVII seculo, a França no fim do seculo passado, a mesma França outra vez ha cerca de doze annos...

Quereis ver o que lhes aconteceu? Cahe no patibulo a cabeça de Carlos I, e toda a Inglaterra é victima da maior oppressão, e ao rei se substitue Cromwell, lord protector absoluto... Se Cromwell, grande homem, resgata seus crimes com alguns serviços á patria, com alguma gloria,

por morte delle a anarchia continúa sua obra de sangue e de devastação; até que a Inglaterra venha de novo abrigar-se á protecção da monarchia!

A França entrega á guilhotina Luiz XVI e Maria Antonietta, sua esposa; e a guilhotina fica em permanencia nas suas cidades, até que entre os milhões de cabeças que decepou, decepasse igualmente as de quantos haviam determinado essas sanguinolentas bacchanaes.

Ide por diante. Em 1848 a França quiz de novo divorciar-se da monarchia, e logo o monstro hediondo do communismo extendeu as suas garras sobre a propriedade, soltou suas vociferações contra a familia, e a França, humilde, espaavorida, foi-se abrigar debaixo do nome de Napoleão, synonymo para ella, como para todos, do despotismo da espada.

Eis o que a historia nos diz em todas as suas paginas; quando assim vemos os factos, para que nos entretermos com os idealismos das theorias?

Sabemos que uma eschola de publicistas, querendo dar a toda a authoridade humana uma base humana, parte da igualdade natural do homem para, por meio de um contracto entre todos, crear a nação, e faz do contracto nascer a authoridade; sabemos que é essa igualmente a theoria constitucional brazileira, e que o pacto fundamental da nação clara e explicitamente nos diz—que todos os poderes do Estado são delegações da nação, — e que essas delegações são feitas na forma prescripta nesse pacto.

Bem; accetamos a theoria, o que porém asseveramos, e ninguem, a não desconhecer de todo o coração humano, contestará, é que o pacto só de per si não poderia crear a monarchia, que o pacto, consagrando-a, não fez outra cousa mais do que reconhecer um facto preexistente na sociedade brazileira, uma formula de governança tradicionalmente perpetuada, e coéva da civilisação do payz, e prendel-a á theoria dos publicistas accetos pelos constituintes.

Acreditar que a monarchia brasileira tem por origem o pacto fundamental, é o mesmo que pensar que a nação brasileira nasceu desse pacto, e que pois até o dia 25 de março de 1824 era apenas um aggregado anormal de individuos independentes...

Não nos percamos em tão chimericas idealidades. As constituições politicas dos Estados acham sempre, nas sociedades que têm de acceitual-as, factos preexistentes, elementos a que devem attender, sob pena de serem creações caducas. Os factos preexistentes em nossa terra eram — a nação — a nação catholica — a nação monarchica, — Consagrou-os o pacto fundamental, e de os haver consagrado resultam para nós duas maximas vantagens: essa constituição foi possivel; já tem durado trinta e seis annos, e ha de durar eternamente: essa constituição foi salutar; ainda existe a nação brasileira, ainda essa peça inteiriça do mais bello torrão americano se conserva; e não tem sido desastres, não tem sido agitações, não tem sido cegueiras e maus designios, o que tem faltado para pôr em prova a sua cohesão.

Elevemo-nos porém a outra ordem de ideias; somos catholicos, e catholica é a nação brasileira; catholicos, somos providencialistas, e não podemos orgulhosamente aviltar a dignidade humana, suppondo que o homem, obra de Deus, que não do acaso, ou de forças mysteriosas e cegas, esteja neste mundo condemnado a preencher seus destinos ao embate do acaso, ao sopro do erro e das paixões, emphaticamente condecoradas com o titulo de Razão. Homens e povos, entendemos que ha no Ente eternamente sabio, eternamente poderoso, e justo, e misericordioso, que os creou, um incessante desvelo de sua bondade e de sua justiça pela sorte delles. Nessas ideias, não só nada succede no mundo que não seja pela sua vontade, como creou elle, ao par da immensa fraternidade humana, a immensa força, os invenciveis e necessarios instinctos da sociabilidade. Se a fraternidade traz a igualdade, a socia-

bilidade traz necessariamente a authoridade. Deus pois creou a authoridade; a authoridade do pae sobre o filho, a authoridade do Chefe do Estado, a authoridade do rei.

Doutrina fecunda e ennobrecedora do homem é essa de certo; pois é mais nobre obedecer á authoridade como condição necessaria e divina de sociabilidade, instincto natural e divino, com que a Benevolencia do Creador dotou a sua predilecta creatura, do que fazer nascer a authoridade da força, obrigar-nos a obedecer-lhe, porque nos subjuga; ou ainda porque nasceu de um pacto, de um ajuste mal concebido e mal explicado, em que cada qual não interveiu senão ficticia ou chimericamente, e que se suppõe ter existido, sem que nunca honvesse existido, ao menos nos dias da formação das nações.

IV.

Se a monarchia é uma feliz necessidade dos povos, a democracia é a sua condição natural de existir.

Aqui, afastando o estylo declamatorio, removendo essa tendencia a induzir em erro os espiritos pelo abuso da poesia em prosa, e pelo brilho da linguagem, o folheto encerra grandes verdades.

A democracia é talvez o futuro do mundo ; é por certo o passado, o presente, o futuro do Brazil. Na Europa podem os precedentes seculares, os preconceitos dos povos, a importancia hereditaria dos nomes, a gloria historica das familias, a perduração da influencia dos grandes proprietarios, a accumulacão de opulencias em mãos que as sabem dispendar nobremente pela proteccão ás bellas artes, pela coadjuvação ao genio litterario, pelo auxilio aos estudos da sciencia, e emfim por grandes e gloriosas obras de beneficencia, oppôr um elemento aristocratico, mais ou menos pertinaz, ao triumpho da igualdade.

Entre nós não : somos todos de hontem, e todos nos conhecemos, todos sabemos onde os nossos berços, onde o berço de nossos paes : a gloria mesma que alguém poderia adquirir, nada valeria ; porque para a gloria, para tudo quanto é prestigio—*major è longinquo reverentia*.

Quanto ás fortunas em nossa terra, em geral são filhas do commercio, e essas nunca se associam á menor ideia nobre ; reservam-se nas burras dos seus donos, até o dia em que os filhos as esbangem em loucas prodigalidades... Desafiamos que se nos aponte um só dos nossos ricos que soubesse ou que saiba fazer do seu dinheiro algum desses usos nobres que justificam as aristocracias... Apenas um ou outro *mercadeja* uma esmola para a fundação de um hospicio, *mercadeja* a assignatura de alguma subscripção; os mais generosos reservam-se para quando morrem, e então, não podendo levar daqui os bens, lembram-se da Casa da Misericordia do Porto, da Casa da Misericordia do Rio de Janeiro... Não é por ali que póde vir uma aristocracia : e penetremos bem no coração humano, lá descobriremos motivos pelos quaes nunca de operações commerciaes poderá nascer um fidalgo.

Quanto á propriedade rural, essa, sim, poderia dar base a uma verdadeira e util aristocracia ; mas não por certo no estado em que a temos. O mais rico lavrador brasileiro não goza de avultados rendimentos, em geral escravos da usura, deixam fortunas oneradas por dividas, em que o negociante, encarregado das suas transacções, tem que reclamar o mais amplo quinhão. Do resto vem a lei, essencialmente democratica, da divisão hereditaria fazer quinhões iguaes entre os filhos.

Com essa lei que devemos á monarchia portugueza, a maior opulencia do mais rico proprietario rural acha-se necessariamente esboroadá ao cabo de duas gerações, se houver tanta prudencia e tantos felizes acasos que até lá a conservem.

A aristocracia pois entre nós é impossivel : podemos ter

titulos, meramente pessoaes, intransmissiveis, que digam algum serviço militar, alguma importancia politica do titular, ou alguma hora de generoso emprego de alguma parte dos seus haveres: poderemos ter cavalleiros e commendadores e grãos-cruzes; serão porém distincções todo pessoaes, meramente honorificas, que nem-um direito dão na vida civil ou politica da sociedade.

Tem razão nesse ponto o folheto; mas para que exagerrar a verdade, para que escrevel-a com expressões hostis, para que dar-lhe uma fórma de aggressão, quando ninguem, absolutamente ninguem, lia que a desconheça, que a conteste?

O regimen da igualdade é o regimen da constituição, é o regimen da razão, dos instinctos, é o regimen necessario do Brazil: estamos em plena democracia. Vêde todos esses que occupam as mais elevadas posições sociaes, vêde-os no senado, no paço imperial, nos dias mais sollemnes das pompas monarchicas: todos esses, todos sem excepção de um só, são filhos de si mesmos, devem o que são ao que valem; subiram pela escada da democracia, a eleição popular lhes deu o primeiro pedestal e nelle os manteve; e posto em eminencia o seu merecimento, proporcionaram-se-lhes occasiões de prestar serviços distinctos que o payz galardoou com sua estima, que a monarchia recompensou com o testemunho das suas graças.

Não dizemos que todos subissem pelo seu merecimento, nem tão pouco que todos os merecimentos subiram: nunca mentiremos á nossa consciencia e á consciencia publica. Dizei-nos porém, onde entre os homens houve algum dia essa justiça absoluta? Na Athenas que envenenou Socrates, que deixou morrer no carcere Milciades, que matou Phocion? Onde? onde? Mas vós mesmos sabeis que nessa partilha das posições no mundo, como até mesmo na partilha dos dons naturaes, entra muito a fortuna, vós o reconheceis, o proclamaes, não vos irritaes contra a cegueira dessa divindade, antes têceis-lhe o mais bello

dithyrambo, e declaraes que, amante apaixonado, tendes-lhe amor, tendes-lhe adoração...

Pois sim, é a fortuna, ou o merecimento; a fortuna auxiliando ou desaniparando o merecimento, mas não de certo um privilegio qualquer de natureza aristocratica, quem fez deste um senador, um conselheiro, um titular, e a outros deixa em humilde posição.

E' verdade; e reconheçamol-o: a fortuna é neste mundo a grande repartidôra dos quinhões e das influencias, isso com todos os governos, e especialmente na democracia. O que fazer? o homem que pensa resigna-se; e vae por diante, satisfeito de si e de sua consciencia; mas, se não pragueija da fortuna, não a adora, não lhe presta culto idolatra, reservando-se o direito de estabelecer uma imaginaria distincção entre a fortuna e o favor, para apaixonar-se por aquella, e apaixonar-se contra este.

A fortuna é, dizeis vós, *uma louca, inconstante, caprichosa*, porém *bella*; ha nella um não sabeis que de *phantastico*, de *extravagante*, de *maravilhoso* que vos *encanta*: distingue ella com a felicidade o individuo de suas predilecções, *sem que elle nem ella saibam bem o porque, e como*.— Sem duvida quando assim compunheis o lindo ramalhete, de que tiramos essas flôres, brilhavavos na imaginação alguma dessas *loureiras* que os novelheiros modernos da França têm inventado; a copia é fiel; a fortuna para vós é *une lorette du quartier de Breda*, typo inventado pelos litteratos do folhetim.

Ao lado dessa *Baccarat*, ou dessa *Gauthier*, ou dessa *Marco*, inventaes um monstrosinho hediondo, uma especie de *Quasimodo*, a quem chamaes o *favor*, e a quem pragueijaes com todos os vossos anathemas... Pois bem; affirmamo-vos que o vosso *Quasimodo* e a vossa *Baccarat* são uma e a mesma personagem, a quem o vosso capricho de poeta veste com roupas de diverso sexo, para louvar a moça e enxovalhar o rapaz.

Respeitae pois o favor, se respeitae a fortuna; ou dae-

nos a nós homens uma regra, uma bitola que exclúa favor e fortuna. Nós a achamos, nós catholicos, na fé que nos assegúra um mundo eterno de justiça, de galardão e castigo, e quanto a este mundo, em que passamos vida ephemera, respeitamos as suas necessidades, e não entendemos que valha a pena sacrificar um só cabello da cabeça, para que o favor de João predomine e seja substituido ao favor de Paulo.

A democracia, sim, é cousa sancta e justa : o mundo a não conhecia ; o christianismo lh'a trouxe : é ella, como toda justiça, como toda civilisação, filha legitima do Evangelho.

E vêde : quem foi que nos dice :—os homens todos são filhos do mesmo pae ; nasceram todos de Adão e de Eva ?—Mostrae-nos em algum documento antigo, na opinião de algum philosopho, essa sublime verdade da fraternidade humana ? mostrae-nol-a mesmo no orgulho da razão que a repelle como um insulto ? Quem foi que dice aos homens, dice, e repetiu : — amae-vos uns aos outros ?—Quem lhes dice :—aquelle que quizer ser o primeiro, seja o primeiro em servir a seus irmãos, o que quizer ser o primeiro seja o ultimo ?—Quem emfim nos apresenta Deus-Redemptor morrendo na cruz da humilhação, a bem de todos os homens ?

Eu te saúdo pois, ó democracia, lei sancta da humanidade, condição necessaria do progresso ! Eu te saúdo, como o mais enthusiasta dos teus adoradores ; és o mais bello conforto contra as iniquidades da sorte, contra as vaidades e os orgulhos dos loucos... Mas oh ! quantos têm abusado de teu nome ; quantos fazem de ti, grande dogma do amor, um gladio funesto com que se armam para servir as suas ambições, as suas invejas, contra seus irmãos ? Ah ! não consintaes que nunca, nem de palavra, nem de pensamento, assim blasphememos, assim profanemos teu nome !

V.

O que é pois a democracia, de que tanto se tem abusado, e ainda — ai! da misera humanidade! — ainda se ha de abusar?

A democracia é a republica, dizem alguns: não, não e não! A republica não é senão a fórma anarchica do poder social entre povos que já não podem ser governados!

A democracia!... um dia na França, nessa terra de todas as experiencias, de todos os erros, como tambem de todas as glorias, o dominio da democracia foi apregoado. E então tomou por emblema a lança, e o barrête vermelho do escravo phrygio revoltado. A democracia uma arma de guerra, a democracia uma insurreição!... Como te comprehendiam elles, ó sancta filha do Evangelho!

E nesses dias a democracia foi o esbulho dos ricos em favor dos madraços, que queriam gozar sem trabalho! a democracia foi a ruina da familia, a ruina da civilisação, a ruina da propriedade, a ruina das distincções as mais justas, as de estudo, as do saber: a democracia foi uma *negação* absoluta opposta a tudo; foi enfim a ANARCHIA de Proudhon!

Não, não, e não! A filha do Evangelho não póde ser a ruina da humanidade nas sanguinolentas contorsões de uma guerra inextinguivel!

Na lei divina a democracia é: — sois todos filhos do mesmo pae, todos remidos pelo mesmo sangue de Deus; todos sahistes nús do ventre de vossas mães, todos volta-reis nús ao seio da terra: — Amae-vos pois uns aos outros, amae-vos, servi-vos, nem-um queira ser superior ao outro, senão em devoção a servil-o; amae-vos, como Deus vos amou!...

Na lei humana a democracia é: — a lei é igual para todos, quer premeie, quer castigue: todos os cargos publicos são accessiveis a todos os cidadãos brasileiros,

sem attenção a considerações de nascimento ou de origem. Ahí está a democracia, ahí está ella completa...

Sobre essas duas bases organisou-se a sociedade: ha nella distincções; são distincções pessoaes; podemos conquistal-as tambem pelos nossos serviços, pelo nosso merecimento: ha para certas carreiras a necessidade de certas habilitações, de certas provanças; adquiramos essas habilitações, passemos por essas provanças, e a grande concurrencia nos estará aberta.

Na organização da authoridade publica, foi necessario combinar os elementos sociaes, preexistentes ao pacto fundamental; foi necessario compensar com as vantagens de um os inconvenientes de outro; a monarchia e a democracia deram cada uma os seus principios de vida e de prosperidade. Esta creou representantes seus, organisou-se em corpo de jury, em guarda nacional, em corpo eleitoral, em camaras municipaes, em camaras electivas: tudo quanto lhe podia ser dado, não já sem perigo, mas até com vantagem do Estado, lhe foi dado. Sómente procurou-se corrigir os erros das suas preoccupações, refreiar o arrebatamento de suas innovações, aguilhoar o esmorecimento que tantas vezes a vem entorpecer, esclarecer o seu espirito, tão facil de cegar-se na apreciação dos homens e das cousas, de não attender a complicações, e de não reparar em que muitas vezes a mais recta intenção de de fazer o bem, leva a desastres e a abysmós.

Dado o justo e amplo quinhão á democracia, cumpria attender á monarchia; a ella a mais alta representação da magestade nacional, a ella o pensamento da permanencia na direcção dos destinos da patria, a ella a escolha dos homens proprios para as funções do serviço publico pela calma e reflectida apreciação de suas habilitações, a ella o grande deposito da justiça social para aquilatar e galardoar os serviços prestados ao Estado.

Na theoria de que sahiu o nosso pacto fundamental, entre a camara democratica e o monarcha, para abrandar

o que alguma vez poderia o embate ter de perigoso, dá-se a existencia de uma segunda camara, onde o elemento aristocratico tenha entrada, para fazer ouvir, senão prevalescer, os seus grandes principios de estabilidade e de firmeza. Aqui, não havendo aristocracia, com que se compuzesse a segunda camara, e sendo entretanto indispensavel a existencia della, uma feliz inspiração veio nessa segunda camara sagrar o consorcio da democracia e da monarchia.

Devia o senado compôr-se dos cidadãos mais recommendaveis pela sua experiencia dos publicos negocios, pelos serviços que houvessem prestado, pelo merecimento pessoal em relação á prosperidade do payz: assim ficava substituida com ampla vantagem a aristocracia.

E determinou-se que a democracia escolhesse na massa dos cidadãos os que por esses titulos lhe parecessem mais dignos de entrar na segunda camara; e que de entre os trez mais dignos aos olhos da democracia, a monarchia, attendendo á ponderação dos elementos e das opiniões no seio dessa camara, a todas as altas conveniencias publicas que por ella são melhor consultadas, escolhesse o senador.

A combinação constitucional é pois inattacavel de sabedoria, de justa previsão politica: a democracia, a monarchia têm o amplo quinhão de influencia que devidamente lhes compete. Entre ellas não ha embate possivel, senão quando alguma quizer exorbitar, exagerar suas pretensões... Ora, esse dia, com toda a firmeza o asseveramos, tente embora o genio do mal os esforços que entender, esse dia ainda está longe !...

VI.

Querendo a monarchia, cumpro querel-a como ella é, como deve ser.

Alguns escriptores democratas imaginam um rei ali pelo molde do rei de Yvetot, filho do cerebro do famoso can-

cioneiro francez; outros são mais generosos, não chegam a querer um rei folgação, *couronné par Jeanneton d'un simple bonnet de coton*; imaginam uma especie de rei assim a modo de presidente de republica; talvez mesmo se transformassem em sinceros monarchistas algum arre-mêdo de Washington, puzesse de vez em quando uma corôa na cabeça.

Dizemos que esse rei-presidente elles o acceitariam talvez; não o affirmamos, nós que sabemos quão amargurada foi a ultima presidencia daquelle grande homem, e quão opportuna lhe foi a sua volta á condição de simples particular, e ainda mais a sua morte.

Eil-os pois que fazem a conta do que se dispende com a monarchia; sommam a dotação imperial, os alimentos dos principes, e ao egoistico mercantilismo da epocha, ao espirito de disfarçada inveja que domina em tantos espiritos mal formados lançam esses algarismos:—vêde, bradam, vêde quanto custa a monarchia; todos esses bordados, todos esses fardões, todo este apparatus, é arrancado ao suor do contribuinte pelo imposto. Não fosse a monarchia com o seu luxo, contentasse-se ella ali com algum par de contos de réis, e esses milhões poderiam ou ficar nas algibeiras dos contribuintes, ou ser applicados ao pagamento da divida publica, ou facilitar a abertura de estradas, ou..... ou serem devorados, debaixo de qualquer pretexto pelos habilissimos empreiteiros de taes democracias.

Depois de prantearem a sorte do contribuinte eilos-ahi vão apedrejar os vicios das côrtes: as côrtes são regiões immundas; alimentam-se do suor do povo; sua unica linguagem é a lisonja, a lisonja é nellas uma arte, uma sciencia; o mais alto merecimento, se o desconhece, vê-se escarnecido, é pelos lacaios enxotado escadas abaixo.

E com a côrte introduziram-se practicas asiaticas que não condizem com a dignidade do Americano, que, admissiveis talvez onde se prendem a tradições, aqui não têm objecto nem significação.

Seguindo por esse trilho acha o folheto ironias e sarcasmos mais ou menos vehementes contra as camaras municipaes que apresentam ao Imperador as chaves das cidades, contra a practica do beija-mão, contra as expressões—meu Senhor,—de que alguns se servem, e emfim contra o recebimento debaixo do pallio com que nas solemnidades o acolhe a Igreja.

Venha porém a attenção, que se não fascina puerilmente com talcos e palhetas, afastar todas essas lantejoilas do estylo, excluir todas essas metaphoras, e hyperboles oratorias, remover todo esse engenhoso apparatus dos pamphletistas francezes, de que mostra o autor do folheto ter feito desgraçado estudo; descarnar-se emfim a censura, e o que fica? Isso que apontamos.

Respondamos-lhe :

VII.

E' admiravel de certo, e nunca será assás louvado o zelo que a eschola revolucionaria mostra em seus escriptos pelo suor dos contribuintes. Ouvi-a; toda a despesa é superflua ; toda lhe arranca lagrimas, porque afinal sahe do mesquinho lucro do trabalho do povo. Vêde porém os seus adeptos.. por vezes o infortunio de algumas nações lhes tem confiado os seus destinos... sem duvida vão confirmar na practica as promessas involtas nas suas palavras, vão supprimir as despesas inuteis, cortar por todas as sinecuras, dar emfim aos contribuintes a ventura de governos baratos, baratissimos. Esperae ; attendei : que largos quinhões que talham para si e para os seus! — *dignus est operarius mercede sua!*

E o fructo das contribuições não bastam : vem o sequestro, o confisco dos bens dos adversarios, vem a alienação dos bens publicos, vem quanto recurso extraordinario pôde ser lembrado, vem emfim as faccis e proveitosissimas especulações do emprestimo... em alguns annos, em al-

guns mezes, o governo barato comprometteu o presente e o futuro, esterilizou o trabalho, estancou as fontes da prosperidade publica !

A governança dada de empreitada a quem por menos se offereça para fazel-a, poderá ser uma bella invenção; mas acreditamos que os pharisaicos zeladores do suor dos contribuintes ainda a não propuzeram: e enquanto o não fazem, deixarão elles que os povos desejem e procurem obter a segurança do presente e do futuro, toda a dignidade, no exterior, toda a habil direcção das forças sociaes para o engrandescimento e prosperidade da patria. Dae isso aos povos, dae-lheç, senão de todo optimo, pois é chimérica a perfeição absoluta, ao menos o melhor que fôr possível, e tende certeza que elles não lastimarão as quotas do imposto que pagarem para conseguir tão grandes bens.

E' visto, é provado pela razão e pela experiencia que a monarchia, melhor do que qualquer outra forma de governo, assegura aquellas vantagens; que importa que custe mais um pouco do que custaria a republica que sonhaes ! Ponde em linha de conta quanto ella poupa, quantas loucas tentativas de infrenes ambições ella previne; ponde em linha de conta o que custam temerarias ambições, e o que obrigam a dispende e a sacrificar, e reconheceréis que de todos os governos o mais economico é a monarchia.

O que importa o algarismo das dotações? Vêde em que se vae a maxima parte dellas, vêde-as reverter em chuva fecundante nos estereis campos das letras, das bellas-artes; vêde-as distribuir-se em auxilios a velhos servidores do Estado, a familias de nobre e digna indigencia; e então lastimae, se de tanto sois capazes, o elevado algarismo dessas dotações, lastimae que esses recursos não sejam poupados, para que algum especulador bem protegido os venha aproveitar.

Não são novas as declamações do folheto a semelhante respeito, de sobra as repetiram os democratas calculistas

que acabaram com a monarchia constitucional franceza ; ha porém nellas uma novidade ; se em França eram destituidas de fundamento, aqui são um requinte de injustiça.

Ninguém ha que não reconheça quão mesquinho é o algarismo das nossas dotações, quão pouco estão em relação com o valor da moeda, com os preços geraes : ninguém ha que não saiba que sobre essas dotações, assim já reduzidas, pesam constantemente obras dispendiosas que, de conformidade com a nossa lei, deveriam ser pagas directamente pelo Estado : ninguém ha em summa que ignore que o Sr. D. Pedro II. não tem uma só inclinação sumptuosa, e mostra o mais nobre e imperial desapego a tudo quanto se traduz em negocios da mordomia. Mas a monarchia tem condições necessarias de esplendor, de pompa a que lhe cumpre satisfazer, e todos os desvelos da mais acurada administração não podem dispensar recursos de certo superiores aos que seriam necessarios para manter o esplendor e o luxo do particular o mais opulento.

E vós mesmos, vós que, esquecidos de vossa declamação contra os dispendios da monarchia, contra as suas pompas, exprobraes á côrte o não ter meios de receber condignamente os representantes das outras côrtes que aqui apparecem, implicitamente nessa injusta accusação involveis o reconhecimento de que o throno deve ser rodeiado de grande esplendor.

Sim, que a monarchia é a representação mais completa da nação, nella a magestade nacional se resume, se condensa, e brilha, não simplesmente ao pensamento, á razão do philosopho e do politico que sobre ella medita, mas aos olhos de todos, que cumpre sejam, e de facto são, dominados pelo apparato exterior.

E não exciteis contra essa necessidade o longinquo sentimento de invejas incomprehensiveis : não ; tudo isso quanto é dado ao esplendor, á magestade do throno, não é dado ao individuo que nella se assenta, não ; é dado ao

representante tradicional da nação, ao seu Chefe hereditario; é gloria, é esplendor da nação.

VIII.

Não são de hoje as declamações contra as côrtes; nem são vossas. Antes de escripto o folheto, os philosophos em seus livros, os poetas em suas satyras, os prégadores mesmos do alto do pulpito, já diceram tudo quanto poderieis dizer: desde Fénelon, o mansueto, que nos faz de Versailles a mais horriavel pintura, e do cortezão o mais repulsivo retrato, até Chateaubriand, que entre as trez infamias de Narses aponta o ter elle sido camarista; raros são os que não têm aproveitado esse facil thema de amplificações rhetoricas, e de pretenções moralistas.

Bem; mas quando falaes da côrte, quando a flagellaes com o azurrague da vossa indignação, quando a pulverisaes com os vossos desprezos, quando a procuraes expôr ao riso, á mofa do publico, quando lhe emprestaes todas as perversas tenções, e até a esmagaes—porque é pobre, falaveis por ventura do que vistes em torno do Imperador na Bahia, do que aqui, no Rio de Janeiro, póde a toda hora ser visto? Ou antes, inventastes um novo ente de razão com a lembrança de vossas leituras, e lhe dirigistes as pragas que vos ficaram na memoria?

Da côrte de Versailles, da côrte de *l'OEil de Bœuf* póde ser verdade tudo isso, mas da côrte do Brazil?..

Tende paciencia, observaе, e não vos fieis em livros; observaе, lembrando-vos que já corre a segunda parte do seculo XIX, e que o tempo já tem feito muitas modificações nos antigos costumes, e nas antigas existencias.

O throno do Brazil se rodeia nas suas grandes solemnidades de alguns altos funcionarios; o Imperador, a Imperatriz têm alguns criados de honra: constituem elles realmente uma côrte?

Esses altos funcionarios, esses criados de honra não sahem de uma classe particular; distingue-os ás vezes a affeição, mais vezes o merecimento os aponta: não representam uma casta.

Todas as funcções que exercem são gratuitas, não as acompanha subsidio algum dos cofres publicos; e se alguma vez a munificencia imperial a alguns auxilia com os seus donativos, não ha que intrometter olhares indiscretos, não ha que engendrar motivos de censura; haverá sómente occasião e motivo para silencioso reconhecimento de magnanimidade do Monarcha.

Constituem elles uma côrte?

Nem um desses funcionarios exerce a menor influencia sobre o andamento dos publicos negocios; ninguém ha no Brazil que não saiba que o Sr. D. Pedro II, affavel embora a todas as queixas, prestando-se aos colloquios sobre sciencias, letras, sobre esses nobres assumptos, dominio da intelligencia, reserva sempre com a mais profunda discrição o seu pensamento acerca dos homens, acerca das cousas do governo: ninguém nesse sentido exerce a mais pequena influencia.

Imperador constitucional, governa elle com seus ministros, e só com seus ministros: e do que se passa no gabinete nada se sabe, nada transpira: a curiosidade publica respeita o reposteiro; pois ao lado d'elle, para responder-lhe pelo que se faz e se resolve, sempre lhe apparece o ministerio.

Aonde pois a influencia da côrte?

Mas esses ministerios que governam o payz, que exercem em toda a plenitude de sua responsabilidade as attribuições do poder executivo; vae por ventura a corôa buscal-os nos seus arredores; manifestam alguma indigitação da côrte?

Não, todos sahem do parlamento, todos são indicados pela opinião; e não só nem-um que a opinião indicasse tem sido repellido por consideração alguma, como todos

quantos tem ella indicado, tem sido successivamente chamados ao poder. Cahem todos, cahem por motivos constitucionaes, plausiveis; muitas vezes são mesquinhas desintelligencias entre seus membros, quebras de solidariedade, nunca intrigas ou enredos em que se possa apontar influencia occulta e reprehensivel.

E quando os factos são estes, quando não ha no payz inteiro quem os ignore, como vem um poeta politico com todos os *escorpiões* do seu estylo flagellar a côrte, os cortezãos, e fazer da quinta da Boa-Vista, nos annos em que vivemos, um arremedo do Versailles que lhe foi retratado nas novellas francezas, e em memorias mentirosas?

Mas alguns funcionarios da casa imperial exercem empregos publicos, alguns até os accumulam. Ahi a influencia nociva da côrte!

E' verdade: alguns funcionarios da casa imperial occupam empregos, e alguns até empregos de bem pouca importancia. Não é isso mais um protesto contra o que dizeis, do que uma prova em que vos fundeis? O cortezão que, levado pela reminiscencia de vossas leituras, combatteis, vivia de pensões, de subsidios, de sinecuras, não de ordenados de empregos publicos cujas obrigações tivessem de preencher.

Attendei porém: em geral os empregos exercidos pelos criados de honra do Imperador não são os de maior importancia na nossa ordem administrativa, militar ou judiciaria, não são pingüemente retribuidos; já eram por elles occupados, antes que a corôa os chamasse a seu serviço, e a vossa democracia não ha de querer que essa posição honorifica, que lhe é conferida, envolva a sua destituição das funcções que, como cidadão, pelo seu merecimento alcançara. E se algum criado do paço aspira a algum emprego, não vemos que a sua posição deva annullar as habilitações que por ventura tenha, deva excluir-o da grande competencia aberta pela constituição a todos os Brasileiros.

A questão unica é vêr que o pretendente seja digno do emprego, que cumpra exactamente os seus deveres ; se é incapaz, se negligente, culpado é o ministro que o nomeia, e o sustenta ; pois em tudo e por tudo deve estar e está esse empregado na cathegoria dos mais empregados.

Entretanto queremos toda a verdade, toda a franqueza, queremos ir adiante de quantas objecções nos possaes fazer : póde acontecer, e muito naturalmente que, em competencia com os demais pretendentes, o alto funcionario da corôa seja preferido ; admittamos que essa preferencia não é voluntaria, espontanea do ministerio, que para determinál-a houve alguma manifestação a que o ministro teve de attender. O que haverá aqui de extraordinario ?

Mudae a fórma do governo, ponde em vez do throno uma cadeira presidencial, e dizei-nos : o chefe da vossa republica não extenderá o seu favor a quantos • rodeam, a quantos lhe cahem em graça ?...

Nada tereis conseguido... Ah! não... muito terieis peiorado; pois o chefe da republica teria odios e affeições... Aqui só podem haver affeições.. juncto ao chefe da republica poderiam insinuar-se o enredo, a intriga... Aqui o Chefe do Estado está tão alto collocado, que até elle não podem chegar semelhantes manejos.

Deixae pois em plena paz esses pobres cortezãos, de quem tanto mal dizeis.... No mundo politico em que vós e nós vivemos, nesse mundo elles não entram senão como nós e vós, na grande, na immensa igualdade constitucional.

... E se algum delles apavona-se, se entumece-se de fôfo orgulho, condoei-vos da fraqueza humana, ou escarnecei delles... ha ali tanto rapazóla que mirando-se ao espelho enfatua-se por se achar bonito! ha ali tanto Diogenes que se ensoberbesce de sua capa de cynico, e por baixo della ostenta a convicção de que é melhor do que os outros, de que é superior a tudo!

O orgulho humano, miseravel fraqueza de nossa condição, toma todos os disfarces; o seu disfarce porém mais frequente é o de desprezador das vaidades humanas, de adversario implacavel do orgulho... dos outros.

IX.

Com a côrte tem-se introduzido practicas de abjecção asialica, desmentidos á dignidade de cidadão, falseamento das ideias constitucionaes: com e côrte a adulação!

A adulação !!! Mas quem dice que a adulação nasceu nas côrtes, que a adulação só nas côrtes se alimenta ?

A adulação apresenta-se logo no primeiro passo da humanidade: Eva, nossa mãe, foi a primeira adulada!... E' velha pois como o mundo, é velha como a baixeza dos expertos armando laços á vaidade; é velha, e não ha potestade, de qualquer natureza, desde que póde fazer algum bem, desde que póde causar algum mal, que não tenha aduladores natos, uns porque lhe querem captar as boas graças, outros por mera obediencia á fascinação do poder.

Vêde entrar em qualquer companhia, a mais polida, a mais illustrada, algum desses Nababos que souberam pelo monopolio ou pela usura ganhar centenas de contos de réis: cil-o grosseiro e ignorante, senhor de todas as attentões, distribuindo apertos de mão selvagens, soltando estrepitosas gargalhadas, dando em tom de oraculo sua opinião... e sorriem-se-lhe e applaudem-lhe; palavras mesmas se ouvem preconizando o seu bom juizo, o seu espirito, o seu.....

Consentireis que não prosigamos nesses exemplos: affirmamo-vol-o, e vossa mesma consciencia repetirá as nossas palavras: a adulação é velha como o mundo; não esperou que houvesse reis e côrte para exercer-se; a adulação acompanha a toda a potestade, como a sombra

acompanha o corpo, e os reis não são as unicas potestades ; a adulação não mora só na côrte : mora em toda parte....

Dir-vos-emos agora: nos dias em que vivemos, a potencia a mais adulada é... quereis sabel-o ?

Nunca houve no throno rei algum, nem Napoleão, nem Luiz XIV, nunca houve na salla dos despachos ministro algum, nem Richelieu, nem Pombal, nunca á frente de sua burra Rothschild algum, mais adulado do que—o *povo de Athenas*. E que aduladores que tinha ! Os Themistocles, os Pericles, os melhores genios, os primeiros oradores do mundo: a eloquencia transformou-se em arte para habilitar os aduladoresdo soberano do *agora*.

Pois bem; a divindade de hoje, aquella a quem mais se dirige a adulação, ainda mais do que ao ouro nas suas grandes representações, os banqueiros e os capitalistas, é, como em Athenas, o povo...

Tem elle maior numero de cortezãos, e de cortezãos tanto mais vis, quanto mais humilham o seu orgulho para captar-lhe as afeições, quanto mais mentem a si proprios na exageração dos seus louvores, na azafama com que estudam e apregoam os seus caprichos, na iniquidade com que suscitam os seus máus instinctos de inveja, de odio a todas as superioridades.

Oh ! quando tão alto veremos erguida a dignidade do homem, que a adulação desapareça !

Se porém não tem a côrte o privilegio da adulação, merece ella essas outras accusações de aviltamento ?

O beija-mão não é uma innovação nos habitos nacionaes é uma velha usança da monarchia brasileira. Repugna por ventura aos nossos br'os, assim nos constituídes em singular e arrogante condemnador das gerações que foram, e da geração actual ? ninguem vos obriga : não beijeis a mão ! Daes essa satisfaçõesinha ao vosso orgulho ; que ninguem disso vos pedirá conta.

Mas o que nelle vêdes de tão avillante ? não beijaes a

mão de vossos paes, daquelles a quem vos liga filial respeito e afeição? Não está essa practica nos nossos costumes domesticos e nacionaes? E porque, quando o mesmo sentimento de filial respeito nos acompanha á presença do Chefe hereditario da nação, não lho prestaremos essa mesma homenagem que os nossos paes prestaram aos delle?

E quando nos lembramos que essa mão se abredadivosa para consolar com a esmola todos os infortunios que a ella se dirigem, quando, para chegarmos á presença daquella a quem vamos prestar essa homenagem, tivemos de passar por entre densas fileiras de miseras velhas, de desgraçadas que vão buscar um allivio ás precisões e ao soffrimento, confessamo-vos, não só não temos a menor repugnancia em seguir o exemplo de nossos paes, como o fazemos com verdadeira ufanía....

Tambem vêdes opprobrio na expressão — *meu Senhor*; — mas quem vos dice que essas palavras envolviam um reconhecimento feudal da propriedade do suzerano sobre o vassallo, da propriedade do Chefe do Estado sobre o territorio nacional?... Tal pensamento não está na intenção, nem nas ideias de quem assim se exprime. E' uma simples formula de respeito, que muito commummente a cortezia prodigalisa... E apostamos que até vós, adorador entusiasta da Fortuna, não raras vezes haveis de tel-a empregado, sem querer que se entenda que sois escravo da pessoa a quem vos dirigis, que lho reconheceis plena propriedade de vós e do vosso. Deixemos pois taes formulas no seu valor de cortezia e de respeito, e não lhes demos, para deprimil-as, extensão que nunca tiveram.

Houve uma epócha em que uma nação civilisada, e ufana de sua cortezia, foi condemnada a renunciar a essas formulas; então todos se *atuavam*, e todos eram *cidadãos*; então tambem o cidadão Fouquier Thinvillle mandava á guilhotina, em obsequio ao cidadão Robespierre, o cidadão Danton, em cujo obsequio já havia degolado centenaes de cidadãos.

Conservemos pois as nossas formulas usuaes de cortezia e de polimento, graduadas pelo uso, segundo a importancia, a posição, o sexo mesmo daquelles a quem nos dirigimos ; não levemos o nosso espirito de reforma democratica a essas bagatellas. Fiquem ellas para innocente recreio á ridicula austeridade dos Quakers.

Quanto emfim á solemnidade do pallio, e ás palavras da Igreja, consenti que vos digamos não tendes authoridade para condemnal-as. A Igreja não modificou com as novidades dos publicistas as suas ideias acerca da realza : considera-a hoje e sempre como a mais alta e sancta consagração do poder humano ; Deus lhe dice — *Per me regnant reges* — por ali pautou ella o seu precedimento.

X.

Chegamos agora a parte mais grave do folheto ; ali vae directo o attaque, não já á corte e á monarchia, porém ao Monarcha : é a politica pessoal, é a politica *austriaca*.

Antes de tudo, porque a *politica austriaca* ? E' a primeira vez que semelhante expressão apparece ; não duvidamos que seja acceita, aconselhamos pois ao inventor que tire patente, e a faça registrar na chancellaria da ordem. Porque a politica austriaca ? A Austria é um dos payzes europeus com que menos relações temos, que menos conhecido nos é, que menos influencia póde exercer nos nossos costumes, nas nossas ideias ; da sua politica nada sabemos, nem podemos saber ; pois o pouco que nos dizem as gazettas francezas, transcriptas nos nossos jornaes, não póde ser acceito por quem quer que tenha dous dedos de criterio.

Como pois vos lembrastes da qualificação de austriaca para a politica que indigitaes ? Ah ! sim, já vemos : a primeira imperatriz do Brazil, augusta mãe do Sr. D. Pedro II. era arquiduqueza da Austria... sois realmente engenhoso !

Um dia se fez a paz nas grandes lutas que por longo tempo haviam agitado o payz: uma ultima estrondosa derrota tinha provado, ainda aos mais orgulhosos e pertinazes, que já no payz a ordem publica estava tão fortemente enraizada, que era de todo impossivel assentar na revolta os calculos da ambição, que a todos, para satisfação de suas ideias, para conseguimento de seus interesses, cumpria acceitar a lei das instituições...

Emquanto assim pela desesperança a pacificação entrava nos espiritos mais rebeldes, um grande soffrimento devastava o payz: a febre amarella extendia por toda parte o seu luto, e ceifava as mais nobres victimas.

A ausencia do combate arrefecia os animos, dispensava as energias, extinguiu os odios; já rumorejava em todos os ouvidos, até mesmo já rompia nos debates do parlamento e da imprensa uma palavra, e essa palavra correspondia a um sentimento que o Imperador devia achar no seu coração, affagar na sua intelligencia; pois era uma inspiração de generosidade.

Essa palavra foi proferida: todos a ouviram... quasi todos a bemdiceram, e se alguns calaram-se, ninguem protestou.

Foi ella entregue aos ministerios, ás camaras, á opinião, que lhe dessem o seu desenvolvimento practico: ministerios, camaras, opinião erraram. Raras vozes se ergueram para dizer: — não é por ahi o caminho!

E agora vindes fazer a corôa responsavel por essa palavra mal traduzida pela immensa bacchanal que felizmente findou o anno passado?

Sejamos justos: o pensamento da conciliação era uma verdade, estava em todos, era o character evidente da quadra em que nos achavamos, devia ter sido a inspiração da politica; se máus traductores, em vez de uma justa transacção nas ideias a bem dos grandes interesses sociaes, e das necessidades que se alevantavam ameaçando a nossa lavoura e as fortunas publica e particular, nos

deram o desenvolvimento da corrupção, será por essa ruim traducção responsavel quem, pela palavra generosa, só merecêra louvor?

Não, não, e não; que culpa tem elle que os melhores espiritos se inebriassem nos copos de agua da especulação, que a fome da riqueza a tantos contaminasse, e preparasse thuriferarios para endeusal-a, apostolos que propagassem o seu culto?

Porque vos calastes então? Porque não ouvimos o trovejar da vossa voz contra os possessos da furia de agiotagem? Porque não protestastes com a poesia de vosso estylo contra essa depravação de um sentimento bom e nobre?

Antes de proseguir, façamo-vos um elogio, e é elle sincero: as vossas palavras contra a corrupção são todas verdadeiras, são ainda mais verdadeiras do que talvez penseis: o ministerio corrompe e é corrompido, as camaras corrompem e são corrompidas, o corpo eleitoral corrompe e é corrompido; a consciencia publica oblitera-se; o que é dever que se tem de cumprir, é considerado direito de que se póde transigir, e desde logo cada qual procura tirar o melhor preço possível, em vantagem pessoal, daquillo que suppõe que póde dar ou vender.

Tendes razão; tendes mais do que razão: essa pagina de vosso folheto é de uma verdade utilissima; mas já reparastes em todo o alcance de vosso justo anathema? Foi por ventura essa corrupção filha da conciliação; não foi pelo contrario ella que acolhendo, applaudindo e desnaturando o pensamento da conciliação, contaminou-o, e anniquilou-o?

Vêde bem: a corrupção não existe exclusivamente em nossa terra, não tem data de 1854, existe em toda parte nos dias em que vivemos, existe especialmente ondê ha o regimen representativo, que tanto se presta ao seu desenvolvimento. Sim, que a corrupção é a filha querida, a primogenita da civilisação moderna, baseada na descrença

e no sensualismo. Fazei que o homem acredite em alguma cousa de nobre, de generoso; que a patria lhe não seja a praça do commercio; que não aspire sómente á riqueza, ás satisfacções pueris da vaidade, ás torpes incitações dos sentidos, e vereis que pouco a pouco a consciencia do dever desterrará o amor do lucro; a corrupção achar-se-á, senão extineta, ao menos muito circumscripta.

Entretanto reconhecendo, apresentando em toda a sua hediondez e gravidade a chaga putrida da civilisação moderna, em vez de propôr-lhe o remedio que melhor acháreis, levantaes sobre semelhante base um castello pavoroso de onde fulminaes o... a politica austriaca!

A politica austriaca tem em mira o absolutismo; para alcançal-o, impôz á sociedade a conciliação, isto é, a corrupção; maculou todos os caracteres, excluiu todas as ideias.

Bem disposta para a corrupção estava a sociedade que assim se prestou benigna e mansa a esse manejo; bem podres eram os caracteres que assim tão facilmente cahiram em aviltamento; bem pouco tenazes as ideias, que se deixaram excluir sem procurar defender-se!

Superando todos os obstaculos pela corrupção, estragados todos os homens, todas as idéas, o... a politica austriaca procurou dar a ultima de mão aos seus preparativos, deliberando a viagem do Imperador ás provincias do norte. Lá ia elle fascinar com os esplendores da côrte, com as pompas da magestade, esses provincianos que não estavam satisfeitos com a administração das suas provincias, com a condição em que os collocava a conciliação; ia captar popularidade e o meio para isso empregado era a disseminação de esmolos.....

Assim não vos basta ter interpretado um acto digno de louvor, porque partia de uma alma nobre e magnanima, de modo a transformal-o na primeira infamia de um plano infame; fiel ao mesmo systema, ides por diante, actos os mais puros, em que o payz inteiro não viu senão a

inspiração benevola que o determinara, actos que o payz na sua justiça agradeceu com as mais euthusiasticas demonstrações, transformam-se para vós em outros tantos machiavelicos calculos desse plano tenebroso que só na vossa imaginação existe !

Tudo denegris ! tudo diffamaes ! até mesmo os donativos consagrados a estabelecimentos pios, ao allivio da pobreza : blasphemaes de tudo, até da charidade !

Mas que importa ? nesse ponto vossas palavras morrem abafadas pelos bençãos de gratidão.

Mas essas esmolos eram o preço de facil popularidade. E aqui dedicaes a popularidade um novo dithyrambo tão bello, porém muito mais extenso, do que o que consagrastes á fortuna.

A popularidade, oh ! sim, a popularidade é bella ! feliz de quem a sabe merecer ! ainda mais feliz o povo que sabe retribuir com ella quem a merece.. Oh sim ! a popularidade é bella com tanto que olhos fitos no dever, olhos fitos na felicidade do povo, na prosperidade da nação, tudo se faça para merecel-a, e nada para captal-a.

Essa popularidade, não duvidamos que o Imperador do Brazil a tenha no grande estima em que a deve ter ; asseveramo-vos porém que nas esmolos, tão largamente distribuidas nada mais procura elle do que satisfazer aos bellos instinctos de sua alma : se armasse á popularidade outra direcção por certo lhe daria.

A popularidade, o Imperador de certo a merece com o seu zelo pela prosperidade da nação, com a sua constante applicação ao desenvolvimento das lettras, das sciencias, das artes, da industria, com a benevolencia que o colloca sempre o primeiro em todos os melhoramentos, sempre affavel, sempre protector, em todas as associações, consagradas a promovel-os.

Merece-a não levando á governança nem-uma dessas inclinações fataes ás finanças dos Estados, nem-uma dessas paixões que tão frequentes brotam no ocio dos poderosos ;

merece-a pelas suas virtudes de homem, pelas suas virtudes de príncipe.

Se nas provincias em que ultimamente esteve, esse sentimento se expandiu em ruidosas demonstrações, porque vêdes nisto um calculo machiavelico de captação ? Se na capital do imperio ellas não apparecem de continuo, não é porque menos justo seja o povo; mas é que, no meio d'elle a presença do Imperador é constante, e as expansões do enthusiasmo não podem ser quolidianas.

Se o Imperador tivesse uma só das aspirações que lhe prestaes, se fomentasse algum pensamento de politica austriaca, suppondes que o caminho para isso não seria facil de descobrir ?

Em vez de dar alguns contos dereis a estabelecimentos pios, e aos desvalidos, em vez de assistir a solemnidades litterarias, de honrar com sua presença escolas e academias, de tomar parte em todos os festejos industriaes, não o veriamos festejar o exercito, rodeiar-se de apparato militar ; não o veriamos assenhorcar-se, por meio de instrumentos seus, do parlamento, da imprensa; não o veriamos apadrinhar algumas das chimeras com que se embalam os preconceitos populares ?

Mas esse é o caminho dos usurpadores ; os reis legitimos conseguem as benções dos seus subditos a menor preço, sem comprometter o payz.

Especialmente quando educados com as lições da liberdade, com o conhecimento amplo do character do seu povo, os reis legitimos podem ser o que é o Sr. D. Pedro II : o homem mais realmente liberal do payz : liberal de doutrina, liberal de ideias, liberal de practica....

Modesto, não dá elle ao apparato senão o que ao apparato não póde um príncipe negar ; não tem aspirações que não sejam a ventura presente e futura do payz que Deus e a acclamação unanime dos povos entregaram á sua sabedoria.

Não receeis pois chimeras, não receeis politicas aus-

triacas, ou não finjaes receial-as ; finjaes, dizemos e repetimos; porque vós bem sabeis, tão habil como sois não podeis ignoral-o, bem sabeis que com imprensa livre e tribuna não ha machiavelismos possiveis, não ha politicas austriacas.

Mas com a politica austriaca, com a corrupção que a conciliação desenvolveu, estabeleceu-se o governo pessoal, dizeis ; o governo pessoal existe ! Aqui entraes em cheio na questão recentemente promovida pela imprensa, cumpre que nella um pouco vos acompanhemos.

O Imperador recebe os seus ministros do parlamento ; não impõe ás camaras e á opinião ministros por ellas repellidos ; não escolhe esses ministros de uma classe ou de uma casta especial, toma-os onde quer que a opinião e as necessidades parlamentares lh'os apontem. Esses ministros governam sob sua responsabilidade: de tudo quanto fazem dão contas ao parlamento e ao payz. Como pois daes a existencia de um governo pessoal em fraude do parlamentarismo, em desmentido aos princípios constitucionaes ?

Que nos devem a nós e a vós e todos importar esses mexericos, essas fraquezas, essas intrigas que ahi se levantam para attribuir este ou aquelle acto do poder executivo, este ou aquelle voto das camaras a confidencias e a indiscrições que os fazem apparecer como uma obediencia, ou um cortejo aos desejos imperiaes ?

Para que infamar todos os caracteres dos ministros, todos os caracteres dos representantes da nação, emprestando-lhes uma humilde subserviencia, tão opposta aos seus deveres e aos seus juramentos ?

E se cada um cumpre o seu dever, se cada um está debaixo de sua responsabilidade, como nos falaes de governo pessoal ?

Do que dizemos porém não infraes que no regimen constitucional brasileiro,—que não é de certo os dos escriptores e dos oradores parlamentares da França do tempo

em que lá havia escriptores e oradores parlamentares — pretendamos que as funcções imperiaes devam reduzir-se a nomeiar e a demittir ministros em passiva obediencia aos movimentos das maiorias ; não. Compreendamos bem o nosso regimen constitucional: nelle o grande pensamento do governo, nas suas considerações de permanencia e de estabilidade, deve estar no monarcha ; embora em suas applicações ephemeras corra por conta de outros agentes. O modo por que esse pensamento se communica aos ministros, e determina a acção delles desaparece aos olhos do payz, é o segredo do gabinete. E essa theoria não envolve o menor perigo para os grandes dogmas constitucionaes; porquanto na hora em que o ministro apparece referendando o acto governativo, esse acto para a responsabilidade legal e moral é forçosamente do ministro ; na hora em que o ministro não pôde acceitar o pensamento da corôa, não pôde com elle conciliar as suas ideias, franca lhe está a demissão ; não ha consideração que o possa levar a subscrever aquillo que reprova, que considera fatal.

Isso em questões de politica interna ; na politica externa ainda mais imperiosamente é exigida a condição da permanencia, da estabilidade. Ah! a direcção deve ser continua para ser efficaz ; se a continuidade desaparecesse cada vez que uma nova combinação ministerial é necessaria, cumpriria renunciar de todo á protecção dos interesses nacionaes no exterior.

Não nos surprehende pois que digaes que nas relações exteriores, mais ainda do que no governo interior, temos o governo pessoal ; o que vos podemos asfirmar é que nada se faz senão porque o faz um ministro, porque um ministro comprehende a necessidade de fazel-o, e dá do que faz a sua responsabilidade.

Se quereis mais alguma cousa, se quereis a completa abstenção do monarcha, se quereis que elle se reduza a machina passiva para assignar os papeis que os ministros

lhes apresentam, então onde a vantagem e a importancia da monarchia? Supprimi essa roda inutil: o 1º secretario da camara bem póde, quando verifica as votações, ver se os ministerios deixaram de ter a maioria, e lavrar-lhes os decretos de demissão; bem podem as mesas das camaras, ouvindo as maiorias vencedoras, lavrar decretos de nomeiação aos novos ministros... nada mais simples, e ter-se-ia uma bella especie de governo parlamentar e economico!

Não, o monarcha deve entrar com o seu pensamento, com a sua representação da permanencia e da estabilidade no governo do payz: é elle emfim o chefe do poder executivo, o depositario do poder moderador.

—Mas as escolhas dos funcionarios publicos, especialmente as do corpo diplomatico, são más, e são impostas pela corôa.—Sobre nomeiações vamos dizer-vos uma triste verdade: o numero dos pretendentes é infinito, o numero dos attendidos limitadissimo, em toda nomeiação ha probabilidade de agradar a um, o nomeiado, de desagradar a muitos, os pretendentes, e estes se ligam, e fazem côro, uns repelem as queixas dos outros; o nomeiado é quasi sempre muito menos digno do que qualquer dos pretendentes; *foi o favor quem agarrou pelas orelhas nesse pobre diabo...*

Mas emfim, se essas nomeiações são más de quem a culpa? do ministro que as fez, só do ministro que as fez.

Se o ministro foi enganado por alguma informação, na hora em que reconhece o seu engano, cumpre-lhe reparar-o: se nelle persiste, de quem a culpa? do ministro, só do ministro. A que vem pois nessa historia o governo pessoal?

Falaeis tambem em uma especie dolorosissima para o coração de todos os Brasileiros; a ausencia prolongada da Sra. D. Januaria... Mas quem vos deu direito de vos intrometterdes com a calumnia nas relações intimas da familia imperial? Quem vos deu direito de levardes a discus-

são a assumpto que ainda mesmo para simples particulares é sagrado? O que ha para vós, para nós, para o publico, é que por motivos de saude, a princeza brasileira está, com licença de seu augusto irmão, residindo em Napoles; essa licença é legitima, deu-a quem a pôde dar: nada mais devemos nem queremos saber.

Têm havido erros, e erros graves na direcção do payz; especialmente nestes ultimos annos: não o contestaremos com o spectaculo lamentavel que temos a vista: o nosso credito na Inglaterra posto em perigo por tantas especulações com imprudente simultaneidade favorecidas; o thesouro ameaçado por tantas emprezas que, depois de haverem dado pingues lucros á agiolagem, trouceram consideraveis prejuizos aos seus accionistas reaes; o grande problema de nossa lavoura não resolvido, nem mesmo ainda em via de solução... e não continuaremos a esboçar esse quadro, em cujo fundo já apparecem o soffrimento, a carestia, a fome flagellando populações senhoras do mais fertil torrão da uberrima America.

Nem tudo isto é culpa dos homens, não; muito ha nisso de licção, de provança decretada pela Providencia; mas ainda mesmo no que é culpa dos homens, quem o responsavel? Quem? Direis—o governo pessoal—e nós vos responderemos—quem? Os ministros, as camaras. a imprensa, a opinião, o payz inteiro; que quiz, que applaudiu; até mesmo aquelles que não quizeram, que não applaudiram, porque a esses corria o dever de resistirem, de esclarecerem a opinião, e desse dever elles desertaram.

XI.

Se porém o vosso escripto houvesse attacado unicamente a côrte, e suas practicas, e suas misérias, se houvesse unicamente attacado a monarchia procurando dissocial-a da democracia, e o monarcha attribuindo-lhe as

desgraças do presente, e as intenções ameaçadoras de uma politica austriaca, deixar-vos-íamos em paz recriar-vos na contemplação do filhinho de vossa musa, e colher os applausos de vossos admiradores. Para baldar vossos esforços de pygmeu sobriariam as benções do povo, o amor dos Brasileiros, e o seu bom-senso esclarecido pela propria e pela alheia experiencia.

E diríamos com o poeta francez :

*Que lui font, après tout, les vulgaires abois
De tous les charlatans qui donnent de la voix,
Les marchands de pathos, et les faiseurs d'emphase,
Et tous les baladins qui dansent sur la phrase.*

Mas a vossa obra, de vós Bahiano, solta na Bahia, dirige provocações tão funestas aos preconceitos provinciaes, tão ás claras procura suscitar de novo os velhos perigos que ameaçaram a unidade nacional, que não podemos deixar de ainda oppôr-lhe algumas palavras de bom-senso.

Ah ! em nome da patria vos pedimos, ao menos deixae-lhe a sua unidade, o seu unico titulo de grandeza, a sua melhor fiança de prosperidade. A patria não é vossa, nem nossa, é de todos nós, e de nossos filhos, e de todas as gerações de Brasileiros que aqui se hão de succeder, conservemos-lhes essa herança ; que não maldigam o nosso nome, como nós bendizemos os de nossos paes.

Falae-nos em descentralisação ; em 1830 falava-se em federação ; haverá entre ambas as palavras occulta synonymia ? Se attendermos ao cortejo de ideias, e sentimentos de que a acompanhaes, se attendermos ás vossas insuflações, ao genio do mal que outr'ora devastou o payz, se attendermos á emphase com que exaggeraes os soffrimentos das provincias, com que expondes a negligencia, a fraqueza de suas administrações, o esbanjamento dos seus recursos, e ainda hoje vindes falar do enorme attentado da lei de interpretação do acto addicional, e reproduzir todas as velhas calumnias dos dias de nossas lutas, não restará duvida

nos espiritos menos reflectidos : attacaes a grande unidade nacional; péza-vos ella; quereis substituir-lhe a disseminação do payz em estadiculos rivaes, ciosos uns dos outros, sempre prestes á guerra civil...

Mas antes, façamos uma distincção : a palavra descentralisação póde responder a uma necessidade real.

De effeito, um vasto imperio como o nosso, cuja população está tão desigualmente distribuida, cuja riqueza, cuja civilisação apresenta as mesmas desigualdades, se politicamente póde ser um unico, se deve todo ser dirigido pelo mesmo pensamento, pela mesma energia, não póde, nos pormenores da administração interna, ser subordinado a uma lei de centralisação absoluta : haverá para muitas provincias soffrimento, sacrificios inuteis ; muitas necessidades ficarão desattendidas, muitos melhoramentos possiveis abandonados em atrazo. Uma lei que affrouxe os vinculos administrativos, se bem meditada, póde ser benefica, e é necessaria.

Mas cumpre que seja bem meditada, que páre nos limites da administração dos recursos locais em satisfacção das necessidades locais, que não vá além.

E confessamo-vos ; temos medo da inexperiencia, e da irreflexão. Uma lei dessa ordem não é obra que se possa improvisar, especialmente quando espiritos irreflectidos procuram suscitar preconceitos, fomentar loucas aspirações...

Meditemos no que se póde e se deve fazer a bem das localidades para o melhor emprego dos seus recursos na satisfacção de suas necessidades reaes ; attendamos a que já existem camaras municipaes, assembléas provinciaes dotadas de amplas attribuições ; lembremo-nos de que ao bem da sua representação politica já de sobejo se procurou attender com a lei dos circulos ; e vimos o uso que em geral de tudo isto se tem feito ; não nos exponhamos pois, no que é de administração, a erros mais deploraveis, mais difficeis de remediar.

Cumpre attender ás presidencias: nesse ponto nada dizeis que todos não sintam, que muitos já não tenham dicto: mas attender como, em que, com que pessoal? Quando não se quer declamar para tornar odioso o que está, mas falar á razão para corrigir e melhorar, não basta denunciar o máu, é indispensavel indicar o conveniente e o possível.

Mas por ventura quereis o possível, quereis sinceramente que se melhore a sorte das provincias, isto é do imperio; porque o imperio é o todo, as provincias não são senão divisões administrativas d'elle, e a prosperidade de cada uma dessas divisões, como o seu atrazo, é prosperidade e atrazo do todo?

Não: o vosso pensamento se atrahiçôa em cada uma de vossas palavras, e especialmente nas vossas accusações contra a lei da interpretação do acto addicional. Evidentemente nem lestes essa lei, contra a qual nos velhos arsenaes dos partidos ides buscar ferrugentas armas, nem attendestes aos males a que ella procurou remediar, nem estudastes os debates que a fizeram adoptar; se o houvesseis feito, terieis reconhecido que em nada alterou ella os amplos poderes das assembléas provinciaes, apenas pôz alguns estorvos á anarchia, que já se ia produzindo.

Quereis herdar contra.. a politica austriaca todas as armas revolucionarias, que já mil vezes se provou serem impotentes; quereis suscitar todas as contestações sobre as quaes já mil vezes se pronunciou o bom-senso do povo brasileiro; quereis em tudo e por tudo seguir o trilho battido da velha demagogia.... Pois bem, ouvi-os.

Ao vosso trabalho se oppoem a lei do progresso, e o espirito do seculo. Vêde: por toda parte as nacionalidades se concentram, buscam a unidade; o velho equilibrio europeu desaparece, sem embargo dos mil esforços empregados para mantel-o. Aqui a Saboia e Nizza, que são franquezas, arrancam-se ao Piemonte, á medida que o Piemon-

te se italianisa, para se darem á França ; ali a Italia procura, rompendo por todo o direito, uma unidade que só conheceu nos remolissimos tempos do dominio romano; além a velha Germania quer ser uma e única ; acolá os principados danubianos aggregam-se e repellem os esforços da diplomacia, que os quer separados, para serem melhor *protegidos* por ella e pela Turquia ; até já na península iberica ha quem sonhe com a fusão da Hespanha e de Portugal em um reino unico.

A acção do progresso material—telegrapho electrico, vias ferreas, navegação a vapor—, determina nos espiritos essa tendencia : a unidade é a lei do mundo que se civilisa.

Quereis achar o triumpho do principio contrario, que desejaes ver dominante em nossa patria ? Ide ás epochas barbaras : a Grecia com suas republicuetas-municipios, destituidas de centralisação e de unidade, Athenas contra Sparta, — como quem diria Bahia contra Pernambuco, — sempre ciosas uma da outra, sempre dizimando-se pelo odio e pela guerra civil ; Thebas contra Plateas, — como quem diria Nieteroy contra Itaborahy, ou Campos contra São Fidelis...

Mas talvez essa desorganisação da Grecia seja obra da republica, e com o predominio de outro elemento ella se não dê : vejamos.

Correm os seculos, a unidade romana desaparece ; o mundo volta á barbaria : por toda parte ha realezas, por toda a parte suzeranos e vassallos ; e a cada canto os barões feudaes, proximos visinhos uns dos outros, exterminam-se em guerras permanentes : a violencia, a iniquidade triumpham ; o povo... povo não existe... mas os homens aggregados, rebanhos desses senhores, são instrumentos e victimas de suas atrozes paixões...

Estudae o nosso sertão, estudae os habitos de tantos potentados do interior, ainda em provincias civilisadissimas, ainda mesmo na Bahia, e dizei-nos : — não achaeis

ahi, sem embargo da força que dá á authoridade e á lei a unidade nacional, desgraçadissimas parecenças com essa epocha européa?

Mas esses vestigios vão-se delindo: a unidade nacional, a força da lei e da authoridade; a civilisação emfim vae ganhando terreno, vae por toda parte penetrando, e refreando as paixões individuaes...

Deixemos que complete ella a sua obra!..

XII.

E terminemos: qual o fructo da viagem do Imperador ás provincias do norte? Perguntae-o ao povo que teve occasião de conhecer o seu monarcha, de dar expansão aos seus sentimentos profundos de affeição, de vê-lo incançavel, animado pelo desejo de inteirar-se de suas necessidades, de apreciar os seus recursos, de soltar alguma dessas palavras de efficaz animação aos esforços salulares, que a bem do progresso devemos todos tentar. Achaes que é pouco?

Esperae: o Imperador não podia descobrir na sua viagem ao norte uma varinha de condão com que operasse milagres, com que especialmente dispensasse a acção do tempo, necessaria, indispensavel condição de tudo quanto é obra humana, e mais ainda obra de edificação.

Esperae: a sabedoria do monarcha viu... viu com os olhos de quem quer vêr, e esclarecer-se, de quem não vae preocupado de paixões, de influencias secretas, viu, como quem é sobranceiro a todas as ephemeras pretenções...

Esperae pois; não vos esforceis por perverter o sentimento publico, não vos esforceis por impossibilitar, quanto em vós cabe, a acção salutar que já deve se ir sentindo, e que ainda melhor será sentida com o progresso dos dias.

O Imperador voltou á capital, e a capital vestiu as suas galas para recebê-lo : daqui vos mandaram dizer que o recebimento não tinha sido entusiastico, que não tinha havido explosões de vivas; e vossa fácil credulidade foi logo concluindo o que bem vos pareceu ; até mesmo vistes a caricatura soltando alguma deploravel calúnia ou o insulto de sua risada.

A caricatura... só faltava esse sainête á vossa obra ! Uma estolida especulação sobre o escandalo, destituída de todo o merecimento, pois o cynismo só de per si não é merecimento, é para vós, vós homem de talento, homem de espirito, poeta-politico, elevada á cathegoria de uma demonstração do sentimento publico !

Se alguma cousa ficou demonstrada pela caricatura que tivemos é que ha almas torpes que não se peijam de pôr em contribuição os sentimentos os mais deploraveis que se escondem no arcano das fraquezas humanas. Que na população de uma grande cidade, composta de tantos elementos, semelhantes alminhas necessariamente existiriam, todos o sabiam, sem carecer da prova dada pelas caricaturas; como se sabe, sem carecer-se da prova dada pelo vosso folheto, que na população de um vasto imperio, com o nosso regimen de ampla liberdade, ha necessariamente quem procure suscitar preocupações, e abalar a ordem publica, para servir a grandes ou a mesquinhos calculos.

Felizmente os esforços desses perdem-se inuteis : nem todos são Eolos para soprar tempestades.

E o bom-senso nacional, apreciando a diligencia que se faz para illudil-o, oppõe um riso de desdem a esses que suppoem que a nação póde jogar a sua prosperidade para que elles logrem a satisfação que desejam.

O Brazil de 1860 não é o Brazil de 1830 : enganam-se os que pensam que trinta annos de progresso em nada aproveitaram á razão social...

FIM.

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64.
